

AMANDA MARINHO MORAES

**DEPOIS DAS 4 PILASTRAS: O PERFIL DO PROFISSIONAL FORMADO EM
COMUNICAÇÃO SOCIAL PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

VIÇOSA – MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2014

AMANDA MARINHO MORAES

**DEPOIS DAS 4 PILASTRAS: O PERFIL DO PROFISSIONAL FORMADO EM
COMUNICAÇÃO SOCIAL PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

Monografia apresentada ao curso de
Comunicação Social/Jornalismo da Universidade
Federal de Viçosa como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Henrique Mazetti

VIÇOSA – MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo
2014



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *Depois das 4 pilastras: O perfil do profissional formado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa*, de autoria da estudante Amanda Marinho Moraes, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Ms. Henrique Mazetti – Orientador
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Joaquim Sucena Lannes
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Viçosa, 4 de fevereiro de 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, porque Ele é quem cuida de mim.

Aos meus pais, que me ensinaram os valores da vida e me deram a liberdade de fazer escolhas para que eu pudesse aprender com elas.

Ao Pedro, meu irmão, que é meu melhor amigo e companheiro.

Ao Henrique, meu orientador, que não mediu esforços para me ajudar na realização desta pesquisa, agradeço de coração.

Aos professores que compõem a minha banca, Joaquim Lannes e Mariana, que me ajudaram como mestres durante a minha formação.

A todos que acreditaram e torceram por mim.

Aos amigos que levo de Viçosa e da Espanha.

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo identificar qual é o perfil do profissional formado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa por meio de entrevistas realizadas com ex-alunos. Este estudo busca também compreender um pouco das crises pelas quais passam o curso e a profissão de jornalismo, um ângulo visto por pesquisadores do tema e profissionais recém-formados.

PALAVRAS-CHAVE: Diploma, Identidade, Jornalismo, Polivalência.

ABSTRACT

This monograph aims to identify the profile of the professional graduated in Social Communication by Universidade Federal de Viçosa, through interviews with former students. This study aims also to understand a little about the crisis that journalism course and profession are passing through, an angle seen by researchers on this subject and recent graduates.

KEY-WORDS: Degree, Identity, Journalism, Polyvalent.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Ano de formação dos entrevistados.....	30
Figura 02 – Porcentagem dos entrevistados que fizeram estágio durante a graduação.....	32
Figura 03 - Considerações dos alunos em relação à aplicação da prática no curso de jornalismo da UFV.....	32
Figura 04 - Considerações dos alunos em relação à aplicação da teoria no curso de jornalismo da UFV	33
Figura 05 - O que os entrevistados pensam em relação à formação acadêmica	34
Figura 06 - Opinião dos entrevistados em relação à obrigatoriedade do diploma	35
Figura 07 - Busca por uma complementação profissional	36
Figura 08 - Qual a complementação profissional é mais buscada pelos entrevistados	37
Figura 09 - Entrevistados que atuaram ou atuam em jornalismo	38
Figura 10 - Área de atuação	38
Figura 11 - Porcentagem dos entrevistados que trabalharam ou trabalham em outra área.....	40
Figura 12 - Os entrevistados acreditam que a crise é real	41
Figura 13 - Possíveis causas da crise	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO	09
1.1 Formação.....	09
1.2 Teoria x Prática.....	12
1.3 O jornalista polivalente.....	14
CAPÍTULO 2 – ANÁLISE.....	17
2.1 Ano de formação.....	17
2.2 A influência da grade curricular na procura de um estágio.....	20
2.3 A importância de uma formação acadêmica e a polêmica da obrigatoriedade do diploma.....	23
2.4 Depois da formação.....	36
2.5 A crise.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45
ANEXOS.....	47

INTRODUÇÃO

A trajetória da prática jornalística na história é longa. Não é de hoje que o homem inventa e reinventa maneiras de difundir notícias sobre os fatos cotidianos dentro das sociedades. A profissão do jornalista foi se inovando com o tempo à medida que foram surgindo novas formas de produção de jornais e outros meios de comunicação. Acompanhada as diferentes maneiras do fazer jornalismo, surgiram também as dúvidas sobre o exercício desta profissão, houve quem acreditou que com a o jornalismo na rádio a imprensa desapareceria, e o mesmo aconteceu com o aparecimento da televisão em relação ao rádio. Agora o jornalismo feito na web coloca em questão a sobrevivência tanto do jornalismo conhecido como tradicional, quanto do profissional desta área, agora inserido a um novo meio de trabalho.

Anos após o surgimento desta profissão, a história se repete. A inserção tecnológica, com a o advento da internet, revolucionou o modo de se fazer jornalismo, e não só o produto (jornal), mas também o produtor (jornalista) se encontram obrigados a se reinventarem diante do mundo, que deixou de ser somente físico e passou a ser virtual. Um cenário marcado pelo instantâneo, fácil, emergente, em que o conceito de tempo se funde com o espaço e os valores de uma notícia são revistos. Na atualidade o jornalista que mais se destaca é aquele que consegue ser rápido e prático, o que faz de tudo um pouco.

Pretendemos, com esta pesquisa, buscar analisar qual é o perfil do profissional de comunicação, com especialização em jornalismo, que a Universidade Federal de Viçosa forma. A ideia é traçar características comuns de trabalhadores da área que tiveram uma mesma formação e descobrir qual é a visão deles sobre as transformações pelas quais passam o curso e a profissão de jornalismo. Com o título “Depois das 4 pilastras: O perfil do profissional formado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa”, buscamos entender um pouco do dia-a-dia da profissão de um jornalista.

O curso de jornalismo sofreu algumas mudanças desde que a inserção da tecnologia, principalmente da web, passou a fazer parte da vida das pessoas. Uma profissão que está totalmente voltada para coleta, apuração e criação de conteúdo é o alvo principal desta mudança que a internet proporcionou para o mundo. A facilidade de acesso às informações vem alterando de forma significativa o modo de se produzir jornalismo. Cada vez mais encontramos nos meios de comunicação a participação ativa

do público que antes eram somente receptores, e agora se fazem produtores de informação. Essa alteração da forma de se comunicar coloca em dúvida o que de fato é notícia e quem tem a qualificação suficiente para tal produção. Todas estas mudanças foram responsáveis por gerar uma crise de identidade dentro dos cursos de comunicação, principalmente o jornalismo.

Foi essa crise, encontrada dentro dos cursos de comunicação, que nos incentivou a fazer esta pesquisa. Estar em uma turma em que a maioria já pensou em desistir do curso nos obriga a pensar em qual o real motivo desse desânimo em relação à profissão. Em busca de respostas nos focamos em estudos realizados na área e em entrevistas feitas com ex-alunos de jornalismo.

Para onde vão os alunos formados em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa? O que eles estão fazendo atualmente? São repórteres? Chefe de redação? Produção? Edição? A perda do contato tanto de amigos de graduação quanto de professores com alunos muitas vezes não nos permite saber qual é o caminho trilhado pelos ex-alunos, que tipo de profissional eles se tornaram. Tampouco de que forma o curso contribuiu para a atuação deles no mercado de trabalho. A pesquisa pretende fazer uma relação entre a formação acadêmica e o mercado. Buscamos entender quais são as condições de trabalho que o mercado em jornalismo oferece aos alunos, em que meio estes novos profissionais são inseridos ao sair da graduação. E de que maneira eles acreditam que a graduação ajudou eles na formação como profissional.

Saber qual a atual situação, e aqui não nos referimos somente a financeira, mas em relação à área e ao meio em que se encontram os jornalistas formados na UFV é só o começo para uma futura conclusão de como esses vivem no mercado de trabalho. Descobrir o perfil do profissional formado em Comunicação Social em Viçosa nos permite analisar diversos pontos dessa profissão que sofre alterações com a revolução da informação.

Acreditamos que é essa mudança o principal motivo da transformação dentro dos cursos de comunicação, e ninguém melhor para tratar do assunto do que pessoas que convivem e “sofrem” com ela. Podemos dizer que são os recém-formados os aprendizes desse novo modelo de jornalismo e, por isso, se faz tão importante um estudo baseado nas experiências de vida dessas pessoas.

A utilização de referências bibliográficas sobre o tema foi fundamental para conhecer o panorama em que se encontram os cursos e a profissão de jornalismo. Entre essas referências vale ressaltar os seguintes artigos: “Novas e velhas tendências: os

dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação”, do autor Eduardo Meditsch, doutor em Jornalismo e pesquisador do CNPq; “Jornalista: um perfil socioprofissional em mudança”, de Joaquim Fidalgo, jornalista, ex-Provedor do Leitor do jornal *Público* “Adequação do ensino na formação de jornalistas”, apresentado por Hélio Ademar Schuch, Doutor em Ciências pela USP e professor de Jornalismo; além do livro “*Formação superior em Jornalismo*”, organizado pela Federação Nacional dos Jornalistas. Abordamos no capítulo “Referencial teórico” os motivos que acreditávamos serem os causadores desta crise. Dividido em três sessões, este capítulo mostra um pouco da visão de alguns autores que estudam o tema. A primeira sessão debate a questão da formação, o dilema da obrigatoriedade do diploma, que são assuntos recorrentes no campo do jornalismo. Em seguida abordamos uma discussão mais voltada para a estruturação da grade curricular, a polêmica da aplicação da prática e da teoria dentro das salas de aulas. E por fim, com a finalidade de alcançar o meio profissional discutimos sobre o ambiente de trabalho em que se encontra o jornalista, e esta nova tendência de um jornalismo polivalente.

A relevância dessa monografia vai além das pesquisas voltadas somente para teoria: ultrapassa a sala de aula e alcança o mercado de trabalho. Por isso, para aprofundar ainda mais o tema, realizamos entrevistas por meio de dois questionários, aberto e fechado, que contaram com perguntas a respeito da visão dos jornalistas sobre o que discutimos no primeiro capítulo. As respostas coletadas foram analisadas e expostas no segundo capítulo “Análise”. cremos que há interesse em descobrir como isso aconteceu na prática, e é isso que buscaremos entender.

CAPÍTULO 1. REFERENCIAL TEÓRICO

A crise instalada atualmente dentro dos cursos e da profissão de jornalismo é tratada como um fato por diferentes autores que estudam o assunto. Neste capítulo, pretendemos mostrar alguns dos possíveis motivos causadores desta crise abordado pelo ponto de vista de diferentes jornalistas e pesquisadores do jornalismo. O que pensam eles sobre as mudanças que vêm ocorrendo tanto dentro das Universidades, como no mercado de trabalho e como estas mudanças colaboraram para uma alteração da prática jornalística. São estudos que irão nos capacitar a entender um pouco mais sobre a realidade em que se encontra o profissional desta área.

1.1. Formação

Há tempos que o jornalismo vem transformando a sociedade. Desde meados do século XVIII e XIX, exerce a função de passar a informação para as pessoas dentro das cidades. Com o desenvolvimento da imprensa, facilitou-se a divulgação das notícias que transmitiam ocorridos do cotidiano por meio dos periódicos, e por isso essa ficou conhecida como sendo o berço da atuação jornalística. Muitas são as sugestões para o início deste fenômeno. No artigo *Uma história breve do jornalismo do ocidente*, o autor Jorge Pedro Souza cita três possíveis momentos deste surgimento:

O fenômeno jornalístico nasce no século XIX devido quer ao aparecimento de dispositivos técnicos, designadamente impressoras e rotativas, que permitiriam a massificação dos jornais, quer a invenção de dispositivos auxiliares que facultam a transmissão da informação à distância (como telégrafo e os cabos submarinos) e a obtenção mecânica de imagens – as máquinas fotográficas. Neste quadro, a necessidade de notícias permitiu a aparição das agências noticiosas internacionais, que tornaram o jornalismo o principal dispositivo enformador da “aldeia global”, segundo a metáfora de McLuhan. (SOUZA, 2008, p.5)

Não demorou muito, e esta prática foi se espalhando por todo o mundo e conquistando espaço nas ruas, dentro de empresas, clubes, etc. As pessoas utilizavam os jornais para expressar e divulgar pensamentos, ideologias, cenas cotidianas. Aos poucos, foi sendo reconhecida também como uma técnica de difundir ideais, muito utilizada na política.

O jornalismo surgiu como uma espécie de escola da informação, com o intuito de levá-la às pessoas, e mesmo depois de tantos anos, ainda hoje, no começo do século XXI, o jornal, seja em qual formato estiver, impresso, online, em áudio, ou televisivo, assim como o próprio jornalista, cumpre o mesmo papel: o de informar.

No entanto, o que vemos é uma suposta alteração do modo como as pessoas lidam com a informação. Passamos por um período de constante mudança, em que a velocidade é um marco na vida e no cotidiano das pessoas, e o tempo se funde com o espaço. Experimentamos uma revolução e inovação das tecnologias que nos permite estar conectado o tempo todo em um novo espaço conhecido como “virtual”, que elimina as barreiras físicas entre lugares e seres humanos.

Esse cenário é responsável também pela modificação da forma como as pessoas recebem e consomem esta informação. Percebemos que o papel do jornalista, antes mais valorizado dentro da sociedade, agora passa por uma crise de identidade, em que não se sabe quem de fato faz ou não jornalismo. A facilidade de publicar conteúdos na internet admitiu que o filtro não fosse sempre realizado, e cada vez mais cabe ao consumidor, que agora também se faz produtor, selecionar o que é válido ou não.

Complementarmente: alterando-se de forma radical o volume e a natureza da informação disponível e circulante, com incidências no plano das assimetrias socioculturais relativamente a essa informação, que redefinição operar no lugar e nas formas de agir dos jornalistas? Que redefinição de fronteiras e de relações se torna necessário fazer entre a informação tipicamente jornalística e outros tipos de informação? A resposta segundo a qual ao jornalista compete realizar o papel que sempre teve já não é certamente satisfatória. (PINTO, 2002, p.57)

Inserido a esta nova forma de se produzir notícias, nota-se também uma tendência de um novo jornalismo, que antes voltado para completar, modificar a sociedade, agora é mais como uma mera prestação de serviço de grandes empresas.

O professor Eduardo Meditsch defendeu que em tempos como esses que estamos passando a formação de jornalistas se faz ainda mais importante.

No entanto, sempre um profissional capacitado, técnica, teórica e eticamente, fará um trabalho melhor do que um amador. Atualmente, na universidade, o curso de jornalismo é o único que ensina de forma sistemática a escrever, a apurar, a editar e a pensar o que fazer com essas competências. É um grande diferencial competitivo diante dos desafios de gestão da informação e do conhecimento que são os maiores desafios da civilização nas próximas décadas. (MEDITSCH, 2007, p. 56)

Acreditamos que o desafio de gestão da informação e do conhecimento apontado acima coincide com a dificuldade de reconhecer quem é capacitado de fato para exercer a prática jornalista. Meditsch (2007) trata de um tema que vem sendo polemizado no Brasil há alguns anos, que é a obrigatoriedade do diploma na formação de um jornalista. Um assunto que está em alta dentro das faculdades de comunicação e afeta diretamente alunos das universidades, e profissionais no mercado de trabalho.

A exigência do diploma no Brasil para a execução do jornalismo vem desde 1969, estabelecida por decreto pela Junta Militar que governava o país na época. Assim como toda mudança, causou uma reestruturação significativa no jornalismo nacional. Uma profissão que surgiu do exercício cotidiano, sem a intervenção de uma teoria pré-estabelecida, começou então a adotar uma conduta que buscava a padronização de alguns conceitos dentro da prática. Como em vários outros pontos dentro do nosso país, esse jornalismo que foi introduzido no Brasil e que posteriormente levou a formação dos cursos superiores da profissão, teve forte influência da escola norte americana. Referimo-nos à execução de uma notícia que tem como regra a objetividade e o compromisso com a ética.

Um das consequências que esta obrigatoriedade trouxe foi o aumento do número de cursos superiores com habilitação em jornalismo e, supostamente, o aumento de profissionais na área. Com base nos dados de Weber (2000, p. 168), Afonso Albuquerque aponta que: “o número de cursos de Comunicação registrados pulou de 20 em 1968 (um ano antes do decreto-lei), para 46 em 1972 e daí para 60 em 1977” (ALBUQUERQUE, 2006, p.84).

Outra implicação desse aumento de jornalistas no país foi à alta oferta para a pouca demanda dos trabalhadores. Em outras palavras, muitos profissionais para poucos empregos dentro das redações, o que acabou resultando em um câmbio de serviço: jornalistas começaram a exercer outras atividades que não cabiam a eles dentro dos jornais. Este ponto coloca em contradição de certa forma a obrigatoriedade do diploma, uma vez que os cursos de jornalismo, que incentivavam a especificação na área, acabavam por formar jornalistas que iriam trabalhar em outros ramos dentro do jornal.

Por sua vez, a explosão do número de cursos universitários no país levou a que, rapidamente, o número de jornalistas formados se tornasse muito superior ao de postos de trabalho disponíveis nas organizações jornalísticas. Deste modo, um grande número de

jornalistas formados passou a exercer outros tipos de atividades ligadas ao campo da comunicação. (ALBUQUERQUE, 2006, p.84)

Vemos que o surgimento do jornalista que conhecemos hoje como polivalente, aquele que exerce diferentes funções dentro de uma redação de um jornal, vem de tempos atrás, e apesar de se fazer muito presente nos dias atuais, não é um fenômeno que nasceu com as mídias digitais. Esse é um assunto que retomaremos nas sessões seguintes.

O aparecimento do diploma como obrigação para poder exercer a profissão de jornalista assim como ajudou a fortalecer a identidade jornalística na década de 60 e 70, hoje implementa principalmente dentro das faculdades de Comunicação, mas também no meio profissional uma crise de identidade por causa da discussão da suspensão desta obrigatoriedade.

Em outubro de 2001, a juíza substituta da 16ª Vara Cível da Justiça Federal de São Paulo, Carla Abrantkoski Rister, em processo de iniciativa do Ministério Público Federal – Procurador da República André de Carvalho Ramos, concedeu “liminar” (tecnicamente tutela antecipada) extinguindo a obrigatoriedade da formação superior em Jornalismo para o exercício da profissão. A decisão, ainda em tramitação e sem chegar a instância final, reacendeu o debate sobre a necessidade e a especificidade da formação e sobre as implicações de ordem ética, técnica, estética e tecnológica do parecer da juíza, com suas consequências para a profissão, para a categoria e para a sociedade. (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 2002)

A ausência de um diploma dá espaço ao questionamento do porquê de passar quatro anos dentro de uma sala de aula estudando as “teorias do jornalismo” e aprendendo a ética de um bom jornalista se outras pessoas vão exercer a mesma função, e ocupar cargos em jornais sem nunca ter entrado em uma escola de Comunicação.

Existem visões diferentes desta relevância já que o próprio curso se encontra em um momento de mudanças. Mas pior ainda seria não discutir tal realidade. Afonso Albuquerque comenta: “A ausência de um debate mais consistente sobre a questão da identidade jornalística revela todos os seus problemas em um momento em que o jornalismo enfrenta múltiplos desafios” (ALBUQUERQUE, 2006, p.88).

A exigência de um diploma é questionada diante da dificuldade de medir de fato quem é ou não jornalista e pode exercer a profissão, se não há mais o controle do que é publicado. A internet sem dúvidas foi o principal motivo de toda esta mudança, redações hoje em dia competem com o que está sendo oferecido todo o tempo para as pessoas no mundo virtual. A acessibilidade e facilidade de consumir conteúdo alteraram

toda essa grade pré-concebida e estudada nos cursos de comunicações. Pessoas comuns, não jornalistas por formação, têm o acesso de produção com as mídias sociais e compartilham o mesmo público que os grandes jornais.

Diante desta realidade, como o curso superior em jornalismo ajuda para o exercício da profissão? A pergunta é complexa e, como já vimos, abrange aspectos que vão além das salas de aula de uma faculdade de Comunicação. Entender o quão é necessário aprender e aprofundar as normas e ensinamentos de um jornalismo bem feito engloba entender o que é fazer jornalismo e como ele exerce influência na sociedade. Sabemos que a prática jornalística está se transformando, mas quem são os agentes capazes de explicar e ensinar esse novo modo de difundir as informações para a sociedade?

Fernando Cascais, ex-presidente da Associação Europeia de Formação em Jornalismo, discorre em um artigo sobre essa questão de um jornalismo pronto e fechado, e outro aberto que está sempre sofrendo modificações.

Uma simples preposição gramatical levanta a primeira questão: ensino do jornalismo ou para o jornalismo? Do sugere uma preparação científica num campo já definido e estruturado de saberes e de técnicas, tendendo para uma certa “universalização” da formação acadêmica, um modelo paralelo às outras profissões com as quais o Jornalismo por vezes gosta de se comparar – o Direito, a Medicina; para abre o campo de formação ao nível do acesso, diversificando a formação de base e tornando a componente jornalística um complemento, embora indispensável.(CASCAIS, 2004, p.86)

O jornalismo não é uma ciência formada, diferente da maioria das outras áreas de estudos no universo acadêmico, ele está sempre sendo obrigado a se renovar. Em função desta inovação constante, notamos modificações na maneira de como fazê-lo, e os profissionais desta área são obrigados a se adequarem. Irá se destacar aquele que souber melhor expor a informação. Isso só será possível estudando novas formas de fazê-lo, e não há lugar melhor do que dentro das universidades, com troca de experiências entre alunos, professores e sociedade. Para que o jornalismo sobreviva à era da informação é preciso estar preparado, e esta preparação passa pela universidade (MEDITSCH, 2007).

Apesar de estar sendo mais enfatizada neste momento, devido ao novo modo de se fazer jornalismo com a web, a discussão sobre obrigatoriedade do diploma é antiga. São muitas as questões que se colocam para a sua extinção, que vão além da fácil

produção de conteúdo. A liberdade de expressão é talvez o ponto mais abordado pelos defensores desta anulação. Esses protestam a favor de que todas as pessoas devem ter o direito de se expressar. Mas levando em consideração que todos os meios de comunicação permitem o acesso dos cidadãos, é um assunto que acaba por ficar um pouco vago. Beth Costa, presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, argumenta sobre este dilema:

Qualquer pessoa que conheça a profissão sabe que qualquer cidadão pode se expressar por qualquer mídia, a qualquer momento desde que ouvido. Quem impede as fontes de se manifestar não é nem a exigência do diploma nem a regulamentação, porque é da essência do jornalismo ouvir infinitos setores sociais, de qualquer campo de conhecimento, pensamento e ação, mediante critérios como relevância social, interesse público e outros. (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 2002)

Estamos tratando aqui de uma formação capaz de levar a informação para a sociedade. E como citado anteriormente deve ser feita de forma ética, e democrática valorizando sempre o compromisso de que as pessoas merecem ter acesso à informação de qualidade. Este é o ponto mais importante e o porquê da existência de uma formação especializada em jornalismo.

Como em toda polêmica, sempre vão existir dois lados. Hallin & Mancini, citados por Albuquerque (2006), observam que nem a formação específica em jornalismo, nem a regulamentação formal do jornalismo são critérios suficientes para caracterizar alto nível de profissionalismo.

Nos Estados Unidos, por exemplo, profissionais graduados em jornalismo são mais comuns nas organizações noticiosas menos prestigiosas que nas de maior prestígio; o fato de diploma específico ser muito mais comum entre jornalistas espanhóis do que entre os alemães não significa que o nível de profissionalização seja maior no primeiro caso do que no segundo (bem o contrário); na Itália, o único caso da amostra analisada pelos autores em que a afiliação à Ordem dos Jornalistas é pré-requisito obrigatório para o exercício da profissão, o jornalismo tem um nível especialmente baixo de profissionalização. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 86)

Assim como Albuquerque (2006), há muitos outros profissionais na área que pensam que a obrigatoriedade do diploma para exercício da profissão não é pré-requisito para um bom jornalista. E muitos outros, que defendem o contrário.

Independentemente do porquê, com ou sem diplomas continuarão existindo jornalistas e esta profissão continuará exercendo um papel essencial dentro da sociedade.

Mais do que debater se devem existir cursos de jornalismo, parece ser mais produtivo e fecundo debater que requisitos, características e dimensões devem esses cursos reunir, de forma a responderem, em simultâneo, aos padrões científico-pedagógicos de consistência e de rigor, ao papel sociocultural e político do jornalismo na sociedade e às exigências de um contexto empresarial e profissional em acentuada mudança. (PINTO, 2004, p.56)

Precisamos entender qual é a realidade que se passa dentro dos cursos de Comunicação, quais são as verdadeiras mudanças que as mídias sociais causaram no processo de apuração, produção e publicação de uma notícia, como as escolas devem colocar-se em sintonia com as lógicas que atuam no mercado de trabalho, de polivalência, de um jornalismo mais rápido ainda, e por fim entender o verdadeiro por que de uma crise de identidade. Uma crise que alcança o setor mais importante da sociedade.

1.2. Teoria x Prática

A informação que recebemos, como ressaltamos, cumpre um papel essencial na vida das pessoas. Lidar com ela tem sido um desafio para os comunicadores. A certeza de um jornalismo bem feito reflete nas ideias dos cidadãos que formam a opinião pública e essa é capaz de manipular e criar conceitos dentro de uma sociedade. A obrigatoriedade do diploma até então discutida é mais um ponto que se debate em relação à qualificação de quem tem o domínio, ou pelo menos deveria ter, de como passar esta informação.

A crise instalada nas escolas de jornalismo, no entanto, vai além do diploma e alcança a formação dos estudantes dentro das universidades. É muito recorrente encontrarmos cursos chamados de Comunicação, que na verdade são de Jornalismo, e vice versa. Pode parecer um ponto irrelevante, mas esta nomenclatura altera e confunde, há alguns anos, o ensino do jornalismo. Conforme relatório do professor americano Raymond Nixon, em 1970 um terço das escolas do continente havia trocado de denominação “de jornalismo” por “de comunicação” ou equivalente (MEDITSCH,1999).

Para identificar algo, ou alguma pessoa, lhe atribuímos um nome, é como uma identidade. Cada objeto, ser, estudo, lugar ou ciência possui um nome que o identifica diante do mundo. É interessante pensar como isso influencia na posição dos seres humanos em relação a situações. Temos por natureza a tendência de gostar e defender o que é nosso, ou o que somos. Como por exemplo, o sentimento de patriotismo tão difundido em diferentes épocas e lugares. Assim também se aplica à denominação dos cursos de jornalismo e por isso percebemos um agravamento de uma crise de identidade geral que abrange alunos e professores nas faculdades de jornalismo. Como esses vão defender um estudo se não conseguem antes defini-lo? Alguns autores já abordam esse dilema.

A formação universitária de jornalistas mostra deficiências e os principais indicadores dessa situação são os seguintes: (...); graduação realizada como habilitação do curso de Comunicação Social, o que significa uma formação não-integral, com escasso tempo para disciplinas focadas na profissão, como também falta de identidade profissional, já que o nome do curso não remete ao jornalismo.” (SCHUCH, 2002, p.88)

Faz-se necessária a distinção dos diferentes ramos dentro da própria comunicação, que engloba outras áreas como a Publicidade e as Relações Públicas. São campos que, apesar de se conectarem no mercado de trabalho, desenvolvem habilidades distintas, e por isso são aprendidas separadamente. Um jornalista pode exercer a função de um publicitário, e o inverso pode ocorrer com este publicitário, é o que acontece corriqueiramente dentro de um jornal ou uma empresa de Comunicação. Mas um não exercerá tão bem a função do outro. Uma pessoa que estuda para exercer tal atividade, com certeza será mais qualificada que outra que nunca se instruiu do assunto. Este é um dos argumentos dos defensores do diploma no jornalismo. Todavia, o que vem acontecendo no mercado de trabalho é o contrário. E os únicos beneficiados são os donos das empresas que economizam ao contratar um profissional capaz de realizar diferentes tarefas.

Uma solução para este problema pode ser iniciada dentro dos próprios cursos. O esclarecimento das disciplinas e a eliminação de uma grade transdisciplinar, aqui entendida como voltada para outras áreas que não a do jornalismo, pode ser o princípio do retorno de uma identidade. É importante ressaltar que uma crise de legitimidade, ou identidade, afeta toda a comunidade. De acordo com Fidalgo,

“A uma crise de legitimidade e a uma crise de identidade que são recorrentes na reflexão que os jornalistas fazem sobre si próprios soma-se, assim, uma crise de credibilidade e de confiança que é patente no modo cada vez mais céptico como os cidadãos encaram e digerem a informação que recebem, bem como o modo como classificam (ou julgam) os atores mais visíveis do processo informativo.” (FIDALGO, 2004, p.64)

Uma graduação voltada para a Comunicação Social e não somente para o jornalismo provoca um débito no aprofundamento das disciplinas que poderiam ser mais importantes na formação de um futuro jornalista. E quais são elas? Como devem ser aplicadas nas salas de aulas? O jornalismo é um campo em constante mudança, e se transforma à medida que os seus meios vão evoluindo. Começou com jornais impressos, depois rádio, televisão, e agora a internet, além das diferentes formas de se fazer jornalismo dentro destes meios. O formato de uma produção de notícia não está mais limitado àquele que conhecemos como padrão, o que vemos são cada vez mais novas formas de um jornalismo alternativo, como por exemplo, o feito em blogs. E é diante desta mudança que uma grade bem estabelecida deve estar pautada, as disciplinas devem estar voltadas para a prática que determina o mercado.

Alunos estão sendo ensinados com o intuito de suprir uma necessidade que a sociedade exige, que por meio do mercado de trabalho vão cumprir os seus papéis de jornalista. E qual é a exigência que este mercado de trabalho está fazendo para empregar um estudante de jornalismo? Qual tem sido a realidade dos alunos depois da graduação? São perguntas que pretendemos responder um pouco mais adiante com uma pesquisa feita com ex-alunos do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa. Cabe a nós, agora, introduzir com esta pergunta a relevância de uma conexão entre mercado de trabalho e ensino acadêmico.

A questão do estágio, como prática externa, que complementa a formação, é um tema polêmico dentro das faculdades de jornalismo. A chance que o aluno tem de colocar em prática o que aprende pode ser um ponto positivo, a oportunidade de um contato direto com a realidade do serviço que desempenhará. Mas Valverde discute outro argumento sobre esta prática.

Essa questão da realização do estágio acaba delineando dois grandes campos. Em um deles encontramos o corpo discente, ávido para iniciar a prática efetiva de sua futura profissão; e no outro, o corpo docente, apontando a necessidade de um preparo intelectual, formado

pelo embasamento teórico, ministrado nos primeiros anos de curso. Isso acaba alimentando a falsa dicotomia entre a formulação teórica e a realização prática. (VALVERDE, 2006, p. 77)

Sabemos que existe todo um equipamento dentro das escolas de comunicação que permite aulas práticas aos alunos, mas nenhuma atividade feita em uma estrutura acadêmica chegará perto do que realmente ocorre nas redações “de verdade”. A dinâmica, o imediatismo em um jornal só é experimentado em uma vivência prática.

Nas faculdades de jornalismo, o incentivo ao estágio e à prática não são tão presentes como em outros cursos, como os de Engenharia. Pelo contrário, o estágio em jornalismo é proibido pela lei que regulamenta a profissão de jornalista no Brasil. Levando em consideração que se trata de uma atividade profissional cada vez mais prática, o estímulo ao exercício do estágio seria uma forma de colocar alunos em contato com o mercado de trabalho.

Aparece, neste ponto uma discussão muito conhecida em todos os campos de estudos, mas que no atual momento está em alta nos cursos de jornalismo. Trata-se da teoria *versus* prática. O curso passa por uma crise de identidade que esbarra no melhor modelo de ensino a ser aplicado aos graduandos.

Volta à tona aqui se é melhor o emprego da prática ou da teoria nas Universidades. Esse é um tópico muito importante para entender a crise que estamos analisando, pois se faz necessário conhecer o objeto, no caso, o curso de jornalismo, para poder desenvolver uma boa pesquisa. Consideram os alunos a teoria mais importante que a prática? Segundo eles, como avaliam a aplicação da prática dentro da grade curricular no curso de jornalismo da Universidade Federal de Viçosa? E da teoria?

O educador brasileiro Paulo Freire propõe desafios para viabilizar essa perspectiva profissional. Meditsch traz o seguinte exemplo de Freire: “Abrir as caixas-pretas das tecnologias, revelando o seu logos. Desta forma, conseguiríamos desvelar as técnicas enquanto teorias cristalizadas” (MEDITSCH, 2007, p. 54).

Desde que a prática jornalística foi promovida profissionalmente e começaram a surgir os cursos de Comunicação voltados especificamente para o ensino do jornalismo, há uma tendência de pensamento que profissionais desta área são pessoas bem informadas, caracterizadas por uma bagagem cultural ampla. Foram conhecidos e considerados intelectuais. Uma pessoa que exerce a função de levar a informação e tem o poder de influenciar a sociedade o surgimento da opinião pública teria que ser mais

bem informada que as outras e por isso eram assim consideradas. Mas o que vemos hoje é a gradual alteração em relação a este pensamento. Já não notamos tanto o respeito ou reconhecimento de um jornalista, a não ser que esse seja muito visado na mídia. O papel de informar, como vimos antes está fora dos controles de um jornal e não se limita mais aos profissionais da área, então não temos o porquê de atribuir tais características a eles.

São diversos pontos que colocamos aqui que podemos ver uma desvalorização do profissional e que só agrava esta crise de identidade. Meditsch reconhece este profissional como um intelectual que precisa recuperar a autoestima dentro do seu território acadêmico.

É preciso ter claro que o jornalista é acima de tudo um intelectual, e a capacidade crítica sua principal competência técnica, para o que der e vier. Mas para preservá-la será preciso defender o território acadêmico e lutar pelo crescimento do campo, pelo seu reconhecimento e autoestima, recuperando o bom espírito do corpo, com competência teórica, pedagógica e técnica, de forma articulada, tanto a nível nacional quanto internacional, através das entidades e redes profissionais, de ensino e de pesquisa. (MEDITSCH, 2007, p. 59)

Buscamos no início da profissão o reconhecimento dos jornalistas como intelectuais para aprofundar a controvérsia entre teoria e prática dentro do jornalismo. Entretanto, antes de introduzirmos uma análise mais profunda sobre esta questão, vale ressaltar que esse não é somente vítima da mudança do conceito sobre si. A perda de uma identidade conhecida como intelectual deve-se também ao fato de os próprios jornalistas banalizarem a profissão, apelando para o lado comercial e colocando a qualidade em segundo plano. É o processo que julgamos como a mercantilização da notícia.

Partilham a ideia de que o jornalismo se encontra dominado pela lógica de mercado e de que a informação é cada vez mais uma mera mercadoria, sendo os jornalistas, ou pelo menos a elite deste grupo profissional compósito, “os novos cães de guarda” do pensamento único de matriz neoliberal.. (PINTO, 2012, p.4)

Por um lado, se é desejável que a graduação forme profissionais com alto nível de conhecimento geral – pessoas bem instruídas não só sobre o mundo, política e economia, mas ainda sobre as teorias do jornalismo e todas as éticas da profissão –, a aplicação da teoria nas Universidades seria o mais adequado. Por outro, um profissional,

por mais instruído teoricamente, pode não estar preparado para a prática da profissão e execução de técnicas se não houver oportunidade também para isso durante seu curso.

É uma discussão complexa que abrange também a dúvida se há prática sem teoria e vice-versa, sobre a qual acreditamos ainda não se ter encontrado solução até então em nenhuma outra área, tampouco no jornalismo. O pensamento e a defesa para um ensino mais voltado para teoria e que valorize este profissional exposto talvez suprisse as necessidades antigas da produção jornalística em que não havia ainda a internet e as possibilidades que ela traz de produção de conteúdos. Não é o que ocorre hoje, o aprendizado de técnicas e a realização de uma prática mais aprofundada nas grades dos cursos se faz necessário.

Não pode haver contradição nem distanciamento entre teoria e prática (se a teoria na prática é outra, está errada a teoria, dizia Adelmo Genro Filho). Não é razoável desprezar as competências técnicas, processuais, metodológicas e deontológicas desenvolvidas historicamente na profissão, que representam o seu principal patrimônio no novo contexto: em vez disso, é preciso sistematizá-las em teorias e modelos com base científica e aplicação tecnológica, antes que outros aventureiros o façam (MEDITSCH, 2007, p.59)

Com o advento da web no cotidiano notamos que há uma dificuldade de entender como a produção de notícia será feita, ou melhor, ainda, reconhecida pelo seu público alvo. E é dentro das universidades que mais percebemos estas dúvidas. Em muitos cursos, grande parte dos professores foi formada em outra época, em que não havia ainda a internet e encontram certa dificuldade de lidar com a novidade. Aprender para ensinar uma nova geração que, inserida a este novo mundo e por isso com mais facilidade de adaptação a ele, pode não ser um trabalho fácil. O aprendizado só será bem realizado com um câmbio de pensamento voltado para o jornalismo tradicional pela amplificação dos diversos modos de produzir notícia que vemos hoje e aplicação prática maior nas escolas de Comunicação. “Contrariamente ao que se esperava, formar jornalistas para a era digital não significa apenas integrar mais conhecimentos instrumentais nos planos de estudos, mas sim repensar alguns conceitos fundamentais e adaptá-los a uma nova realidade profissional” (CANAVILHAS, 2008, p.7).

Falar em exercer mais a prática, no entanto, não exclui uma grade que possua disciplinas teóricas. A importância de entender as teorias do jornalismo e seus “nove elementos” continua sendo fundamental para o entendimento da profissão. Os responsáveis pelo ensino nos cursos deveriam, neste caso, mesclar melhor uma

dimensão com a outra, não as separando, e incentivando mais o estágio junto à faculdade, para melhor experiência profissional. Não há lugar para disciplinas “teóricas” e “práticas”, apenas para disciplinas convergentes para a formação, com o objetivo de tornar o graduado especializado naquilo que ele deve ser – em jornalismo (SCHUCH, 2002).

Um ensino suficiente é aquele que direciona a carga total do currículo para a formação em jornalismo, com todos os conteúdos focados para o desempenho profissional – neste caso, não há disciplinas sem conexão com a profissão, nem divisão entre disciplinas “teóricas” e “práticas”, mas apenas disciplinas. (SCHUCH, 2002, p.59)

O mercado de trabalho busca pessoas capazes de se inserirem nele, não só exercendo o que foi dado em sala de aula, mas trazendo novos conteúdos e novas ideias que acrescentem tanto nas empresas, quanto na sociedade. “As empresas jornalísticas, não recebendo acréscimo de conhecimento dos cursos, além do que já dominam, buscarão apoio em outras áreas da universidade para sua expansão, melhoria e inovação, como também em outros profissionais” (SCHUCH, 2002, p.99). Destacar-se no meio de tantos outros profissionais sempre foi uma tarefa difícil e que todos almejam, e no mundo atual, onde o acesso à informação é dado a todos, esta incumbência se tornou mais difícil ainda, e é por isso que uma formação que busca capacitar melhor ainda seus alunos se faz essencial.

1.3. O jornalista polivalente

O jornalismo polivalente é uma realidade no mercado de trabalho atual. A prática de uma única pessoa exercer diversas funções está presente não só nas empresas, mas também nas redações. Discutir esta questão, sem dúvidas, é um ponto crucial para analisar o que queremos nesta pesquisa. Para entender a profissão do jornalista nos dias atuais, precisamos também estudar em quais condições de trabalho ele se encontra. Até então, vimos na monografia a questão da obrigatoriedade do diploma para exercício da profissão e o dilema estabelecido dentro das faculdades de comunicação se seria melhor uma grade voltada para a teoria ou prática. São pontos importantes porque estudam o jornalismo enquanto formação, e como abordamos, é dentro do curso que começam as “crises” de identidade em relação à futura carreira.

No entanto, estas crises continuam depois da academia e alcança a profissão. Como os ex-alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa, agora jornalistas por formação, estão se saindo no mercado de trabalho? Quais são as mudanças que percebem em relação à profissão? Estão atuando na área ou não? Neste capítulo, pretendemos focar no novo profissional ascendente, aquele capaz de fazer de tudo um pouco, o polivalente. E entender um pouco mais em qual meio esse está inserido.

Ao discutir o “espaço”, aqui não somente físico, em que o jornalista atua, somos obrigados a voltar no debate da relevância da inserção tecnológica em nossas vidas. O surgimento da internet é um dos mais importantes, se não o principal, agente de grande parte da mudança que vem ocorrendo na área. A transformação na prática jornalística é bem visível, já que a profissão lida direto com as novas tecnologias. Contudo, faz-se necessário saber aproveitá-la a seu favor.

Os desenvolvimentos tecnológicos da última década (digital, Internet, acessibilidade e facilidade de comunicações, portabilidade de equipamentos, convergência e integração de suportes comunicativos), ao mesmo tempo em que abriram muitas novas possibilidades ao trabalho dos jornalistas, também redefiniram as suas competências profissionais (NEVEU, 2001) e diluíram o seu papel como elemento imprescindível no fluxo de informação entre as fontes primárias e os cidadãos. (FIDALGO, 2004, p.70)

Fidalgo (2004) aponta para um dos possíveis problemas causados pela inserção da web no cotidiano dos cidadãos e no modo de trabalhar dos jornalistas. O autor aborda a questão antes discutida de que não mais só estes tem acesso à produção de notícias.

Essa nova ferramenta, ou meio de comunicação, promoveu a alteração do modo de produzir e receber a notícia. Antes, a Teoria da Comunicação defendia um modelo entre emissor e receptor “linear”, uma determinada mensagem era enviada por um emissor por meio de um canal e recebida por um receptor. Caso não houvesse ruídos que atrapalhassem a integridade da mensagem, poderia haver o *feedback*. Assim era o esquema simples de um ato de comunicação.

No entanto, com a internet os conceitos de emissor e receptor se transformaram dentro da produção de informação. Os receptores passaram a ter acesso à criação de conteúdo, deixando de serem somente receptores. Essa nova possibilidade afetou também a formação destes profissionais. Os jornalistas perderam o rumo do seu ofício e

cada vez mais, sabem menos qual o papel que lhes cabe no grande teatro do mundo (MARTÍNEZ, 1997).

O fato de não serem mais os únicos a possuírem o acesso à informação acentua a crise que estamos discutindo, porque os colocam como os “fornecedores de conteúdo”. Assim aborda Manuel Pinto:

Neste quadro, os jornalistas, que se foram constituindo, ao longo dos séculos XIX e XX, “quase como uma verdadeira profissão”, tenderão a incorporar-se cada vez mais no indistinto e extenso oceano dos *database producers*, dos *informations providers*. Em suma, deixarão cada vez mais de ser jornalistas para passarem a ser “fornecedores de conteúdos” (PINTO, 2004, p. 3) [grifos do autor].

O interessante é que, ainda nesta mesma pesquisa em que Manuel Pinto desenvolveu, obtendo quarenta e duas respostas de diferentes jornalistas formados a mais de cinco anos, os mesmos compartilhavam da aversão à denominação “fornecedores de conteúdos”.

Vários respondentes patenteiam clara aversão relativamente à expressão “produtores de conteúdos”. Consideram-na “*pouco feliz*”, “*absurda*”, “*irritante*” e até mesmo “*um perigo*” e “*a negação do jornalismo*”. Das respostas infere-se que os produtores de conteúdos existem, mas não são jornalistas, uma vez que “*o jornalismo é mais do que isso*” e misturar ou não diferenciar as duas realidades constitui uma “*forma de desvirtuar a profissão, de banaliza-la*” (PINTO, 2004, p. 10-11) [grifos do autor].

O desgosto em relação à expressão deve-se a uma desmoralização do jornalismo, já que qualquer pessoa é capaz de fornecer conteúdo no mundo das mídias sociais. É uma forma, como respondido no artigo, de banalizar a profissão.

Diante da realidade colocada, percebemos que outras pessoas, não somente jornalistas têm acesso à disponibilização de informação e esse bombardeio das mesmas coloca em dúvida a credibilidade do que é relevante ou não. O filtro que antes exercido com mais cautela, quase não é feito. E qualquer pessoa pode publicar o que deseja, já que a web possui um modo de produção aberto.

Desapareceram muitos dos constrangimentos de espaço e tempo que implicava obrigatoriamente a existência de mediadores especializados para nos irem contando o que se passa no mundo: hoje proliferam muitos outros mediadores que nada têm a ver com o jornalismo e, em não poucas circunstâncias, é possível aceder diretamente à informação em bruto, sem quaisquer mediações. (FIDALGO, 2004, p.70)

Ocorre o acesso direto à informação sem passar pelo jornalista, que se vê obrigado a criar uma forma de tornar o conteúdo interessante, para que esse então seja lido e exerça seu papel na sociedade. A prática jornalista foi obrigada a se reinventar.

Reforçou a urgência de se repensar o exercício desta atividade no novo contexto global, provavelmente redefinindo-se o seu papel e descobrindo-se fórmulas mais eficazes de cumprir a finalidade essencial do jornalismo: não tanto a transmissão de informação, mas a transformação da informação em conhecimento. (AGUINAGA, 2001, s/p)

Fazer com que uma notícia se destaque e cumpra seu papel meio atantas outras é um dos desafios que o profissional do jornalismo enfrenta inserido no ambiente da web, em que tudo gira em uma velocidade muito rápida, e informações “antigas”, dão espaço as novas. Há uns anos atrás dizíamos que o “tempo de vida” de uma notícia, ou matéria era de um dia, caso o jornal fosse diário. Agora com a efemeridade que encontramos na internet, este tempo pode durar até menos de um minuto.

Este modelo de periodismo agitó el mercado profesional. Reporteros y fuentes pasaron a tener un contacto más asiduo a fin de alimentar las páginas web con noticias en flujo continuo. La “guerra de la información” se disputa hoy en el espacio de los medios de comunicación en tiempo real. Nadie espera ya a la edición del día siguiente o a la revista que va a salir el fin de semana para enterarse de las últimas noticias. Basta encender la computadora y entrar en los sitios web en los que informaciones casi instantáneas desfilan ante el lector. (ADGHIRNI, MENDONÇA & PEREIRA, 2012, s/p)

Os autores tratam a questão como “guerra da informação”, e afirmam que ninguém hoje em dia espera a edição do dia seguinte ou a revista que vai sair no final de semana. Basta ligar o computador e acessar a internet que informações quase instantâneas desfilam diante do leitor.

Mas não foi somente a produção que sofreu mudanças neste meio. O próprio jornalista se encontra cada vez mais em uma situação, dentro do mercado de trabalho, que é preciso desenvolver diferentes funções, não só a aprendida na graduação. As empresas e jornais estão substituindo cargos específicos por gerais.

A falta de clareza sobre as consequências para o jornalismo da disseminação do suporte digital dificulta a compreensão plena das particularidades da prática jornalística nas redes, das mudanças no

perfil do profissional, na estrutura organizacional das empresas jornalísticas e das funções que o usuário passa a ocupar no sistema de produção de conteúdos. (MACHADO, 2003, p.1)

Introduzimos aqui a discussão que temos mais interesse em abordar neste capítulo: o surgimento do jornalista polivalente colabora a favor ou contra um jornalismo de qualidade? É uma produção que prioriza a ética e os elementos da profissão? O novo profissional “multimídia” se importa com a qualidade do produto oferecido, ou com a audiência (aqui nos referimos a qualquer meio de comunicação) que precisa alcançar para que a empresa esteja satisfeita com o seu trabalho?

A situação citada foi inserida há pouco tempo se comparada ao surgimento do jornalismo, mas vem crescendo de forma significativa e discuti-la se faz necessário para entender o exercício da profissão.

Lo que se busca, y estamos trabajando en eso junto a empresas más desarrolladas, es la reconfiguración de la estructura vertical en un nuevo formato, en el que el corazón del negocio sea una redacción única para todos —denominada multimedia desk— lo cual no significa que una sola persona escriba, fotografíe y retransmita en vivo por la televisión. (ADGHIRNI, MENDONÇA & PEREIRA, 2012, s/p)

Segundo o dicionário online Priberam, a palavra polivalente possuiu três significados: 1) Que tem várias funções ou utilidades diferentes = VERSÁTIL; 2) Que tem várias valências; 3) Recinto que pode ter funções ou utilidades diferentes; em todas as definições notamos que polivalente é que aquele que exerce diferentes papéis. E no caso do jornalista não é diferente. Esse começou a cumprir cargos que antes eram exercidos por vários trabalhadores. A sequência de produção da notícia não mudou, segue ainda hoje, mesmo com o advento da internet, a ordem de pauta, apuração e redação. Todavia, encontrávamos nos jornais pessoas qualificados para desenvolver empregos específicos. Existia nesse antigo modelo de se fazer notícia, pauteiros, repórteres, redatores, fotógrafos, cada um destinado a desempenhar uma função distinta. Hoje, com o ritmo acelerado que a rede proporciona aos leitores, não sobra tempo para uma produção em conjunto, e arriscaríamos até dizer, com maior qualidade. O importante é publicar na rede antes que outra pessoa o faça. E um jornalista só, responsável por tudo, que não depende do trabalho de outro, com certeza fará mais rápido.

Las rutinas productivas del periodismo en línea —que también puede tomar los nombres de periodismo digital, periodismo web o ciberperiodismo— son semejantes a la recolección de informaciones del periódico impreso. Esto se explica por el modo como estas rutinas definen códigos de conducta y modelos de comportamiento que difícilmente pueden ser modificados (Ryfe, 2009). Ellas continúan siguiendo la orden: pauta-investigación- redacción. La diferencia es que la presión del plazo de entrega es mucho mayor (Maia y Agnez, 2011). Los periodistas trabajan permanentemente conectados por medio del celular y se comunican de continuo con la dirección y las fuentes. (ADGHIRNI, MENDONÇA & PEREIRA, 2012, s/p)

O surgimento do webjornalismo colaborou para a promoção deste novo modelo de emprego. Mas não podemos colocar toda a culpa na internet e desconsiderar o fato de que as empresas são as mais beneficiadas com isto, levando em conta que visam sempre o lucro máximo. Ao contratar um único empregado que desenvolva as tarefas de muitos outros ela economiza dinheiro e tempo. Esta é a questão: não só a internet, mas também as empresas e os próprios jornalistas são os responsáveis por esta nova forma de se fazer jornalismo. É uma discussão que poderia render outro artigo. Aqui, só queremos deixar claro que os jornalistas não são somente vítimas.

Ainda sobre a polivalência, vale ressaltar aquela que ultrapassa só as fronteiras do jornalismo e alcança o campo da comunicação social como um todo. E obviamente, também interfere na crise do curso e profissional que estamos analisando nesta pesquisa. Uma polivalência mais ampla que não se limita só ao jornalismo não difere da questão de uma só pessoa exercer vários afazeres dentro de uma empresa. Pelo contrário, não só o que estudou, ou no que se especializou, ela também exercerá outras profissões. Exemplificando, para deixar mais claro, dentro de uma empresa de comunicação, que não englobe só jornalismo, mas publicidade e relações públicas um trabalhador fará serviços de todos os campos. Manuel Pinto, citando Ramonet, afirma:

A partir dos anos 60, os jornalistas foram perdendo “o monopólio que detinham nas sociedades democráticas”, num processo que passou por uma crescente diluição das fronteiras que os separavam das lógicas da publicidade e das relações públicas. Foram-se transformando em simples media workers, perdendo sua “singularidade”. (PINTO, 2004, p. 4)

Considerando o contexto, percebemos que o jornalismo polivalente altera o meio em que os jornalistas estão inseridos e a forma como eles vêm exercendo seu trabalho na sociedade. As mudanças são visíveis, e com elas surgem dúvidas, e supostamente a crise. É preciso estudar o que se passa para entender e buscar uma solução, não

definitiva, mas temporária, que colabore para a qualidade e execução da profissão e supra as interrogações deste cenário. No capítulo seguinte, buscamos descobrir quais são as principais mudanças que os ex-alunos da Universidade Federal de Viçosa reconhecem na prática jornalística, e se estas foram responsáveis pelas crises que se instalaram dentro dos cursos de jornalismo e da própria profissão.

1.4. Percepções dos ex-alunos de jornalismo em relação às mudanças na profissão

A discussão sobre a atual situação do curso e da profissão de jornalismo se faz cada vez mais presente em artigos e pesquisas de autores da área. A mudança que ocorreu nos últimos anos nas vidas das pessoas com a inserção da internet, e que influenciou o trabalho do jornalista, tem sido o problema de muitas pesquisas sobre o campo da comunicação. Surgem questões como a que abordamos, sobre o dilema da necessidade ou não do diploma para execução da profissão; se a crise começa dentro da graduação e alcança o mercado, ou se o próprio mercado é quem rege a crise com novas propostas de modelo de emprego em que se insere o jornalismo polivalente; além da ascensão do jornalismo online, que obrigou o jornalismo a se reinventar de diferentes maneiras. São todos temas que instigam os principais afetados por estas mudanças, graduandos e jornalistas.

A preocupação sobre o que vem ocorrendo neste meio não é recente. Deve-se levar em consideração que a comunicação social foi sofrendo modificações e se inovando com o passar dos anos e com o aparecimento dos meios de comunicação. Algumas pessoas chegaram a acreditar que o jornalismo nas rádios desapareceria com o surgimento da televisão, e agora, alguns autores supõem que o mesmo possa ocorrer com o impresso, devido à presença do jornalismo feito na web.

Na análise que faremos adiante veremos que a maioria dos ex-alunos creem que sim, a crise é real e que a profissão está em extinção. Uma das entrevistadas, antes mesmo de responder o questionário aplicado sobre o tema, nos enviou uma mensagem dizendo que já adiantava o assunto, alertando que o nosso mercado está morrendo.

Levando em consideração, que a palavra morrer nos remete a uma ação terminada, que não tem continuidade, diríamos que é um pouco radical afirmar o fim da profissão. E que se adequa mais dizer em uma readaptação. Ainda não se sabe se positiva ou negativa. Uma visão do autor Ignácio Ramonet é colocada por Ana Lúcia Enne, que declara que o jornalismo não existe mais:

Segundo ele, poderíamos, até há alguns anos, falar em três esferas autônomas e praticamente independentes dentro do universo da comunicação: uma esfera da informação; uma outra relativa à publicidade; e, finalmente, uma esfera relativa à comunicação de massa. Com o mundo da internet, consequência da revolução digital, essas três teriam se convergido e se misturado nos processos das megafusões empresariais, resultando em um universo que poderíamos chamar, seguindo Douglas Kellner de teleinfoentretenimento.(ENNE, 2007, p.1)

Para Kellner, não é o nascimento dos novos meios de comunicação, ou da internet, que colaboraram para o que ele acredita ser o fim do jornalismo e sim a maneira como eles foram utilizados para fazê-lo. Em outras palavras, o autor sugere uma mercantilização da informação. Passamos de um mundo do jornalismo para um mundo do imediatismo, do instantaneísmo, não há tempo para estudar a informação (ENNE, 2007, p.2).

A opinião do autor aponta uma das várias possíveis causas que estudamos para o que vem acontecendo no mundo jornalístico. Com o intuito de aprofundar a teoria exposta por esta monografia e responder o problema da pesquisa, iremos fazer uma análise quantitativa e qualitativa, a fim de entender o que pensam os ex-alunos sobre a situação atual dos cursos e do mercado de trabalho dos jornalistas.

CAPÍTULO 2. ANÁLISE

O intuito com a aplicação dos questionários foi conseguir dados que permitissem investigar o que os alunos entendem sobre a crise e as condições em que se encontra o mercado de trabalho. Em seguida, relacionar e discutir com a teoria abordada nesta monografia, e buscar entender um pouco do cenário atual do curso e profissão de jornalismo. Questões de caráter geral e específico que nos permitem conhecer um pouco do público, nosso objeto de pesquisa.

Nota metodológica

Para realização da pesquisa, primeiramente foram feitos estudos com bibliografias indicadas sobre o tema com o intuito de aprofundar o conhecimento e avaliar a situação do curso de jornalismo nessa era que denominamos como a da informação.

Entender o que se passa nas universidades, e como as disciplinas de jornalismo são aplicadas dentro das salas de aulas, é essencial para a compreensão e interpretação da visão dos alunos que foram entrevistados. Ainda nas pesquisas, realizamos também, estudos sobre o mercado de trabalho dos profissionais de comunicação buscando entender em quais meios estes estão inseridos e quais são as novas condições de emprego. Trabalhamos a hipótese de que os alunos tendem a migrar pra mais de um ramo da área devido a essa tendência do jornalismo polivalente, em que o jornalista acaba trabalhando um pouco em cada setor da produção da notícia.

A partir deste cenário, realizamos entrevistas com os ex-alunos do curso de Comunicação Social formados na Universidade Federal de Viçosa durante os últimos cinco anos. Foi escolhido este período porque acreditamos que seria mais fácil o contato com alunos que saíram da Universidade há poucos anos, além de serem profissionais recentemente formados que vivenciaram as mudanças ocorridas devido à inovação tecnológica. No total, contabilizamos noventa e cinco alunos, somando quinze de cada ano a partir do ano de 2008, e mais alguns selecionados aleatoriamente. As entrevistas foram feitas por meio de dois questionários, um fechado e outro aberto. O primeiro contou com 13 perguntas de caráter mais amplo, como o ano de formação dos alunos, se já haviam estagiado, se trabalham ou já trabalharam na área de jornalismo, se acreditam que a crise existe, etc. Enquanto que, no segundo, foram elaboradas perguntas mais específicas sobre se existe de fato a crise, e, segundo eles, o por quê da mesma.

O material para análise se formou a partir das respostas coletadas. Sendo 50 respostas do questionário fechado e 10 do aberto. Todas as fontes foram conseguidas no site do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa. Ainda para a realização das entrevistas e melhor coleta de informações, clareza e proximidade das experiências vividas, utilizamos as mídias sociais como ferramentas a nosso favor.

É importante aludir que o objetivo da aplicação dos questionários é revelar um pouco sobre a realidade que enfrentam os alunos formados na UFV, inseridos no mercado de trabalho. Por isso a atribuição do título “Depois das 4 pilastras: O perfil do profissional formado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa”. Não temos a finalidade de chegar a conclusões gerais sobre todos os cursos de jornalismo, tampouco sobre o mercado como um todo. As análises aqui realizadas referem-se somente a este grupo de entrevistados. São hipóteses de trabalho que pretendem incentivar estudos mais amplos sobre o tema tratado.

2.1. Ano de formação

A primeira questão colocada foi o ano de formação dos alunos. Saber quanto tempo os entrevistados saíram da Universidade e se inseriram no mercado de trabalho é essencial para compreender a visão que os mesmos têm em relação às mudanças que ocorrem na profissão.

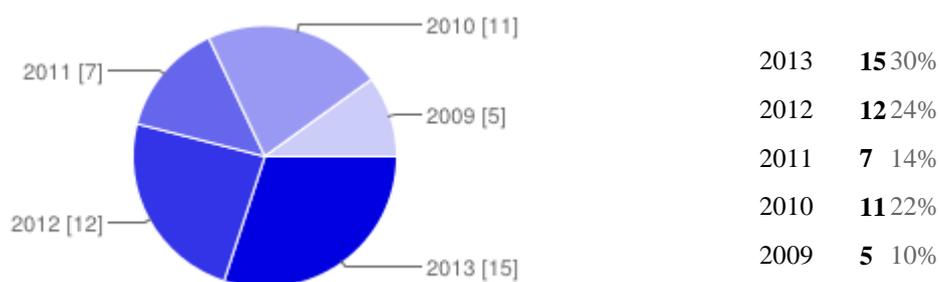


Figura 1 - Ano de formação dos entrevistados

O primeiro gráfico nos mostra que os alunos formados recentemente, neste mesmo ano de 2013, ou seja, que estão somente há um ano no mercado de trabalho foram os que responderam a maior parte do questionário, equivalendo a 30%. Em seguida os formando de 2012, com 24%, os de 2010 com 22%, os de 2011, com 14% e por fim, os 2009, com 10%.

2.2. A influência da grade curricular na procura de um estágio

O estágio é uma prática recorrente em muitos cursos de graduação. Jovens que ainda se encontram na universidade buscam essa opção como uma maneira de se inserir o quanto antes no mercado de trabalho, e também obter uma experiência profissional e uma maneira de aplicar a prática aprendida em classe. São diversos os motivos pelos quais estes estudantes recorrem a esta alternativa. Valverde aponta em tese, uma pesquisa realizada pela empresa InterScience, que tinha como objetivo entender segundo a percepção do jovem qual a importância e o valor do estágio em sua vida.

Quando perguntados sobre quais os principais motivos que os levaram a procurar um estágio, 31% deles afirmaram que buscavam adquirir experiência e aprendizado para uma futura atuação profissional; 17% queriam ganhar uma bolsa-auxílio que os ajudasse a custear os estudos; 16% visavam entrar no mercado de trabalho; 10% pretendiam aprofundar a prática das aulas teóricas recebidas na escola; 6% visavam que o estágio ajudasse nas despesas financeiras e os outros 6% necessitavam cumprir a carga horária para a conclusão do curso. (VALVERDE, 2006, p. 74)

A discussão sobre o estágio durante a graduação de jornalismo é recorrente dentro das Faculdades de Comunicação. Este é proibido pela lei que regulamenta a profissão de jornalista no Brasil.

Essas discussões a respeito da realização dos estágios em jornalismo, como todos os seus desmandos e irregularidades, duraram praticamente durante uma década, quando em 1979 o decreto n.º 83.284 colocou um ponto final a essas divergências, pelo menos inicialmente. “O desaparecimento da figura do estagiário [aconteceu] em consequência da exploração do aluno que, na maioria das vezes, não recebia nada e ainda tirava o lugar do profissional.” (VALVERDE, 2006, p. 101)

No entanto, embora os ex-alunos entrevistados tenham estudado em uma cidade considerada pequena, que não contém grandes jornais de influência nacional, e diante da situação exposta, os dados revelam que a grande maioria, o que equivale a 84% das respostas, disse que antes de se formar já haviam trabalhado como estagiário em alguma empresa ou jornal. Apenas 16% afirmaram que não.

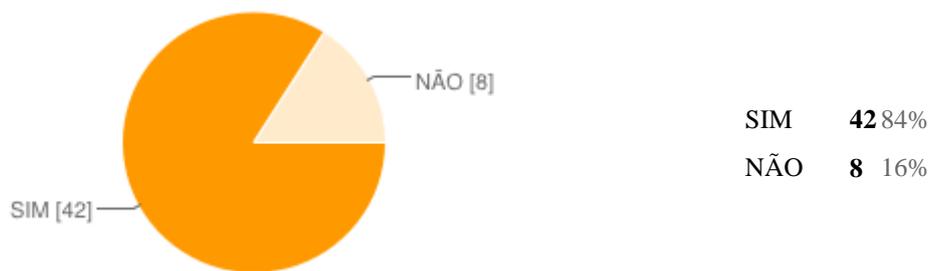


Figura 2 - Porcentagem dos entrevistados que fizeram estágio durante a graduação

Duas questões foram levantadas logo em seguida que acreditamos estar relacionadas à procura de uma prática exterior as da formação. O interesse pelo exercício do estágio como apontado na pesquisa feita pela empresa InterScience é algumas vezes o de complementar o que foi aprendido dentro das salas de aulas. Voltamos aqui ao ponto em que se discute a importância de uma grade bem estabelecida para a formação que dever ser pautada mais na prática ou na teoria.

Além do mais, há que se destacar que “o papel do estágio na formação profissional ganhou importância depois que as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação [...] passaram a enfatizar a necessidade de articulação entre teoria e prática”, diretrizes curriculares essas que foram elaboradas pelo Ministério da Educação, partindo da Lei de Diretrizes e Bases de 1996. (VALVERDE, 2006, p. 81)

Dessa maneira, questionamos como os alunos formados em jornalismo consideram a aplicação da prática e da teoria dentro da grade curricular no curso de Comunicação Social da UFV. Nos dois casos, a maior porcentagem deles acredita que é razoável tanto em uma, quanto na outra, no entanto os dados mostram que em relação à teoria, a insatisfação é maior. 40% dos alunos acreditam ser pouco o conteúdo teórico aplicado em sala de aula, 48% acha razoável, e somente 12% considera muito.

Na prática os dados foram:

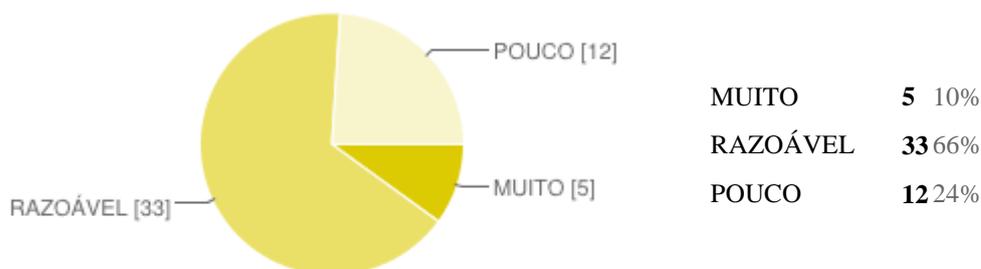


Figura 3 - Considerações dos alunos em relação a aplicação da prática no curso de jornalismo da UFV

E na teoria:

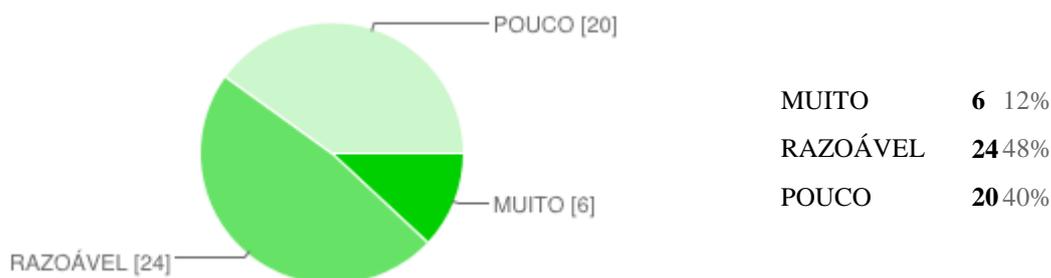


Figura 4 - Considerações dos alunos em relação a aplicação da teoria no curso de jornalismo da UFV

Tendo isto em consideração, foi colocada a seguinte pergunta: “*Em relação à grade de jornalismo, você acredita que essa deve ser pautada mais na prática ou na teoria? Por quê?*”. Neste caso as respostas coincidem e ficou evidente também por parte dos entrevistados que eles acreditam que para uma boa formação em jornalismo, a teoria deve estar alinhada à prática. “*Deve-se aliar as duas áreas, sempre.*”, “*Dentro de uma universidade, prática e teoria têm de caminhar juntas.*”, “*O ambiente universitário em sua essência, foi concebido para que os vários tipos de conhecimento coexistissem.*”, “*Ambas as disciplinas práticas e teóricas são importantes e necessárias para a pessoa que deseja se tornar jornalista*”.

Ainda segundo as análises das respostas abertas, os alunos concordam quando se refere à distribuição das disciplinas teóricas e práticas dentro da grade. Obtivemos respostas que sugerem uma alteração no tempo da graduação, acreditam que quatro anos é pouco para os alunos aprenderem toda a teoria e prática. “*Acredito que o tempo de curso deveria ser maior, de 5 anos como a maioria dos cursos superiores, para conciliar da melhor maneira possível a teoria e a prática.*” A distinção entre disciplinas também é outro ponto que para eles deve ser discutido, já que interfere no modo como os professores ministram as matérias. “*Se há conhecimento e clareza do que vai ser ensinado, o ensino será mais eficiente.*”, “*Algumas disciplinas, por si só, são mais práticas que teóricas, mas outras devem ser meio a meio e outras mais teóricas possíveis.*”.

Por fim, recomendam uma mudança no cronograma das disciplinas. A maioria dos alunos se mostrou insatisfeito no que diz respeito ao modo como são distribuídas as aulas teóricas e práticas durante a graduação, sendo as primeiras somente no começo do curso e as segundas no final. “*A teoria é muito vista no começo do curso, quando não temos tanta maturidade para fixá-la, acho que deveria se estender mais ao longo do*

curso, sempre buscando a relação do que se está aprendendo com a prática jornalística.”

2.3. A importância de uma formação acadêmica e a polêmica da obrigatoriedade do diploma

A importância de uma formação voltada para a área de jornalismo está ligada com a questão da obrigatoriedade do diploma, já que as duas discutem se é necessário ou não uma pessoa ter frequentado aulas em faculdades de jornalismo para atuarem na profissão. Os jornalistas cumprem uma função importante dentro da sociedade, que é a de informar. Este tema foi bastante discutido durante a pesquisa, mas sabemos que a prática jornalística existe antes mesmo de surgirem as escolas de comunicação social, e durante muito tempo pessoas não formadas na área exerceram o emprego de jornalistas.

Para saber o que os entrevistados pensavam em relação à importância da graduação para a atuação no mercado de trabalho e à questão da obrigatoriedade do diploma para exercício da profissão aplicamos perguntas que questionavam se os entrevistados eram a favor ou contra deste, e se acreditavam que a formação acadêmica foi indispensável para a atuação no mercado de trabalho.

Os resultados foram: 66%, que corresponde a 33 dos 50 alunos entrevistados, disseram que sim, a formação acadêmica foi indispensável. Enquanto, que 34%, 17 alunos, responderam que não. Apesar de ser maior o número dos ex-alunos que acreditam que a formação foi indispensável para entrar no mercado de trabalho, convém comentar que os dados indicaram que um entre quatro alunos crê que não é preciso fazer uma graduação em jornalismo. É uma quantidade alta considerando que equivaleria a 10 alunos em uma turma de 40.

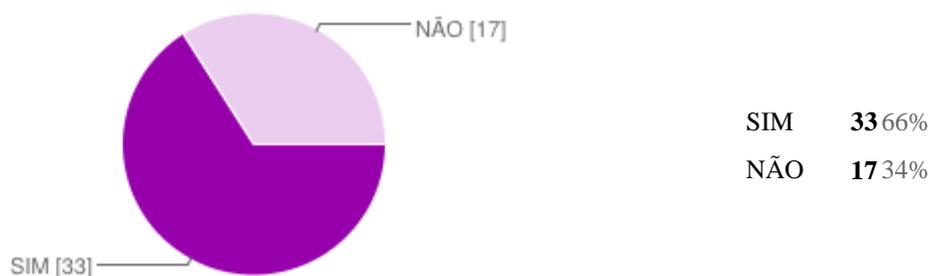


Figura 5 - O que os entrevistados pensam em relação a formação acadêmica

Os dados foram parecidos quanto à obrigatoriedade do diploma, sendo 78% dos alunos a favor e 22% contra.

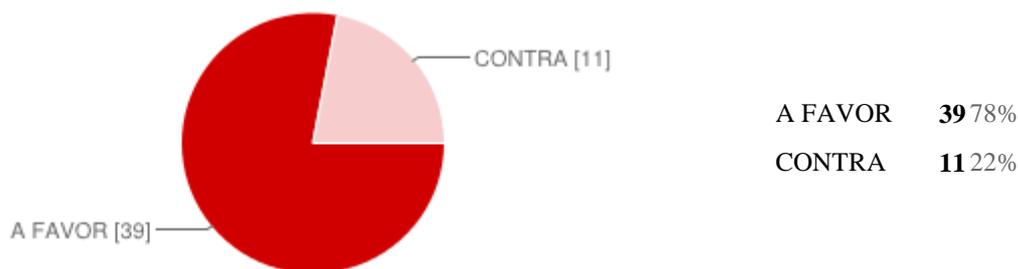


Figura 6 - Opinião dos entrevistados em relação à obrigatoriedade do diploma

O dilema da obrigatoriedade do diploma talvez seja o que mais apresenta teorias de um porquê ou não da necessidade do mesmo. Apesar de ser a maioria a favor, as respostas foram bem diversificadas quanto às justificativas.

Alguns entrevistados defendem que assim, como qualquer outro curso superior, no jornalismo também deve existir um diploma. *“A pessoa que deseja ser jornalista deve entrar na faculdade, conquistar o diploma para então exercer a profissão. Senão, não faria sentido existir curso superior de Jornalismo.”* Os alunos também se colocam a favor da obrigatoriedade porque consideram que existem conteúdos e práticas que só são aprendidas dentro das salas de aulas, com a vivência acadêmica. *“A obrigatoriedade do diploma é essencial na prática devido não só ao embasamento teórico, mas também a vivência do curso e questões éticas práticas que se aprende na academia.”*, *“Na academia não se aprende apenas questões relacionadas à prática cotidiana do jornalismo, mas aprende-se a pensar a profissão de modo a nos questionarmos continuamente sobre o trabalho que desenvolvemos e sobre formas de aprimorá-lo”*.

Por outro lado, houve respostas que defenderam o diploma apenas pelo benefício da legitimação, reconhecendo que existem profissionais não formados que exercem a profissão até melhor que aqueles que passaram por uma universidade. *“Nada mais coerente que legitimar, através de um curso universitário, uma das profissões mais tradicionais e mais mal tratadas do país.”*, *“A legitimação de uma profissão é sempre benéfica para o mercado de trabalho.”*, *“O diploma é importante sim, mas não tira o fato de que pessoas não formadas também exerça com excelência a profissão”*.

2.4. Depois da formação

No que diz respeito à conjuntura em que o jornalista se encontra depois de formado, voltamos o questionário para perguntas que mostrem a realidade do profissional no mercado de trabalho. São questões que estão relacionadas ao exercício atual dos formandos, seja ele dentro da área de graduação ou não.

Na pesquisa trouxemos a discussão sobre a importância de uma grade curricular bem estruturada, que não seja só voltada para a prática ou teoria, mas uma junção das duas alinhadas ao incentivo de uma prática auxiliar, o estágio. Os gráficos acima mostraram que segundo os alunos entrevistados ainda é razoável o emprego para uma formação de excelência. Assim, com o intuito de descobrir se estes alunos buscaram uma nova especialização após a graduação foi aplicada a pergunta se houve realização de alguma formação complementar. E se sim, esta consistia em um novo curso, em uma especialização, ou em um mestrado.

56% fizeram uma formação complementar, enquanto 44% se inseriram no mercado de trabalho só com o curso de jornalismo. Isso comprova que de fato, apesar de os alunos acreditarem que a formação em jornalismo foi indispensável para o exercício da profissão, para a metade deles ainda não é suficiente. Vale ressaltar que muitas vezes a busca por uma complementação profissional é realizada também pela exigência do mercado de trabalho, que investem em profissionais com um currículo mais completo.

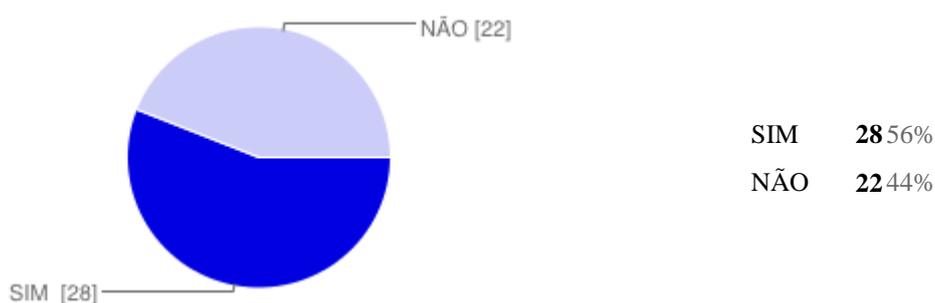


Figura 7 - Busca por uma complementação profissional

Dentre os vinte e oito alunos que fizeram uma formação complementar, os gráficos revelaram que 52% apostaram em uma especialização, 34% ingressaram em outro curso, e 14% entraram em um mestrado.

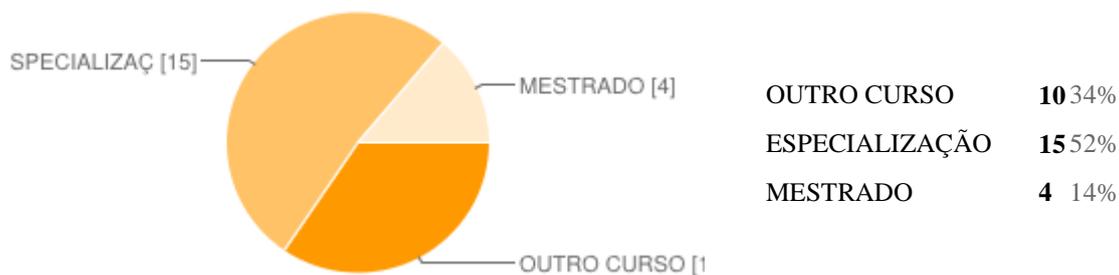


Figura 8 - Qual a complementação profissional é mais buscada pelos entrevistados

A porcentagem maior voltada para a especialização demonstra que os alunos preferem investir num aprofundamento dos estudos feitos na graduação. Convém lembrar que, no que diz respeito a uma especialização em jornalismo, essa pode ser dividida em três aspectos. O autor Frederico de Mello Brandão Tavares discorre sobre o assunto:

Pensar em jornalismo especializado diz respeito a ter de buscar um consenso sobre três manifestações empíricas referentes às suas especializações. 1) A especialização pode estar associada a meios de comunicação específicos (jornalismo televisivo, radiofônico, ciberjornalismo etc) e 2) a temas (jornalismo econômico, ambiental, esportivo etc), ou pode ser associada 3) aos produtos resultantes da junção de ambos (jornalismo esportivo radiofônico, jornalismo cultural impresso etc). Cada uma dessas materializações solicita investigações e normatizações singulares, o que cria uma dificuldade para se pensar, epistemologicamente, o cenário mais amplo da especialização no jornalismo. (TAVARES, 2011, s/p)

As entrevistas, como dito anteriormente, foram aplicadas aos alunos formados nos últimos cinco anos, contando com os que estão inseridos no mercado de trabalho há somente um ano. São profissionais que têm a visão sobre as crises pelas quais o curso passa pelos dois ângulos que ela abrange, tanto dentro das faculdades de Comunicação, como no meio profissional. Pode-se dizer que o ponto positivo, que podemos analisar no gráfico acima, é que, apesar de uma crise de identidade, ou uma insatisfação em relação ao curso, a maioria dos alunos, sendo 66%, ainda investiu na especificação da prática jornalística, e em consequência o exercício da profissão.

O próximo gráfico comprova isso. Ao perguntarmos se os ex-alunos atuaram ou atuam na área de jornalismo, a grande maioria respondeu que sim, equivalendo a 74%. E 26% depois de formados nunca exerceram a profissão, o que corresponde novamente a um quarto dos entrevistados. É uma quantidade alta se pensarmos novamente que, caso fosse uma turma de 40 alunos, 10 deles não seguiriam a carreira de jornalista.

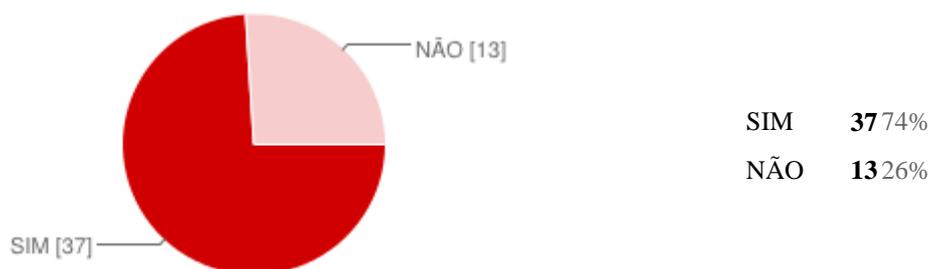


Figura 9 - Entrevistados que atuaram ou atuam em jornalismo

No que toca a distribuição por área, uma questão foi elaborada com a intenção de saber em qual delas os alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa tendem a ir. E dentre estes 74% que já exerceram ou exercem a prática jornalística, os resultados mostraram que foi a televisão o meio em que a maioria deles atuou, com 26%. Em seguida assessoria, 24%; impresso, 21%, web, 18%; e por fim, rádio e a área acadêmica com a mesma porcentagem de 5%.

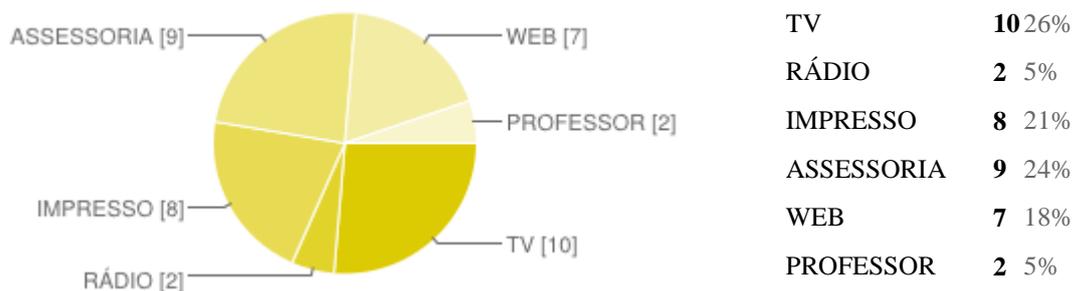


Figura 10 - Área de atuação

Nesta monografia observamos que muitos autores consideram a web como a principal mudança do fazer jornalístico, e por consequência um dos motivos causadores da crise implantada na profissão. Trata-se de um novo fazer jornalismo diferente, até então do conhecido pela era da internet. “Pela primeira vez, num só meio, juntam-se o texto, o som e a imagem”, defendeu, numa conferência em Braga, Ignacio Ramonet. (BARBOSA, 2001, p.4) Em relação aos meios utilizados anteriormente esta será, certamente, uma vantagem dado que nem a imprensa, a rádio ou a televisão o poderiam fazer.

No entanto, notamos que mesmo com este cenário, o gráfico acima mostrou que a maioria dos ex-alunos entrevistados foi para um dos meios de comunicação mais tradicionais, a televisão. Isso pode ser considerado por vários fatores, como por

exemplo: uma falta de preparo e conhecimento do novo, que ainda causa insegurança nos recentes profissionais; falta de vagas para trabalhar no jornalismo online, que demanda menos profissionais, se comparado à televisão; questão da remuneração; reconhecimento profissional, já que a televisão proporciona na maioria das vezes um status maior, etc.

Em seguida, voltamos à questão que discutimos anteriormente na sessão de teoria e prática. Será que as grades curriculares dos cursos de jornalismo estão adequadas à procura do mercado? Estão formando profissionais qualificados e prontos para acrescentar novas ideias?

As respostas obtidas pelos alunos foram diversificadas no que diz respeito às condições que devem ser asseguradas para promover a consistência e a qualidade dos cursos de jornalismo, a lógica de cada uma das disciplinas, bem como a coerência entre elas e do curso no seu conjunto. Contudo, dois pontos foram recorrentes em todos os questionários. O primeiro foi em relação à estrutura técnica do curso. E o segundo a delimitação das disciplinas, que pouco focadas e bem definidas não serão ministradas com qualidade.

No que diz respeito ao primeiro, vários entrevistados deixaram claro a necessidade de um maior investimento nos laboratórios. Consideram que *“o primeiro passo é integrar todo o complexo aparato técnico ao curso em si”*, *“nenhum curso de jornalismo funciona bem sem uma TV, uma rádio, um laboratório de novas mídias, uma redação”*, *“falta um lugar que nos proporcione o aprendizado prático”*, *“o curso precisa da teoria, mas esta sozinha, não forma bons jornalistas qualificados para o mercado, que cada vez mais exige profissionais práticos, que saibam lidar com os aparatos tecnológicos.”* Acreditam que sem um ambiente que proporcione a realidade da vivência de um jornalista este não terá a devida qualificação para exercer a profissão. São investimentos pesados e que muitas vezes não dependem somente do curso, mas que devem ser priorizados para um ensino de qualidade dentro das faculdades de Comunicação. *“É caro e custoso manter todo esse aparato funcionando, e o dever de cada curso é batalhar para conseguir isso, independentemente das dificuldades.”*

O segundo problema apontado por quase todos os entrevistados em relação a uma adequada estruturação de como deve ser um curso de jornalismo diz respeito ao amplo enfoque das disciplinas que segundo, estes ex-alunos, muitas vezes perdem a essência do que de fato deve ser ensinado. *“É preciso definir muito bem qual será o foco do curso”*, *“é preferível oferecer menos disciplinas, mas que sejam bem*

executadas”, “ o que se tem, atualmente, é um amontoado de disciplinas com ementas maravilhosas que, na prática, não contemplando sua verdadeira função: treinar e qualificar o aluno.”

A esta questão da necessidade de uma graduação voltada mais para o jornalismo em si, e não para a comunicação social como um todo, está associada à ideia do jornalismo polivalente. Aqui, cai em contradição o que foi colocado pelos entrevistados, que, na teoria, ao defender uma grade curricular mais focada, na prática, ao atuarem no mercado de trabalho, acabam por realizar diversas funções. O que é exemplificado tanto nas respostas obtidas no questionário fechado, como aberto.

O gráfico, em que foi colocada a pergunta se estes profissionais trabalham ou já trabalharam em outra área mostra que 74% dos ex-alunos sim, já trabalharam ou trabalham em outra área, e 26% não.

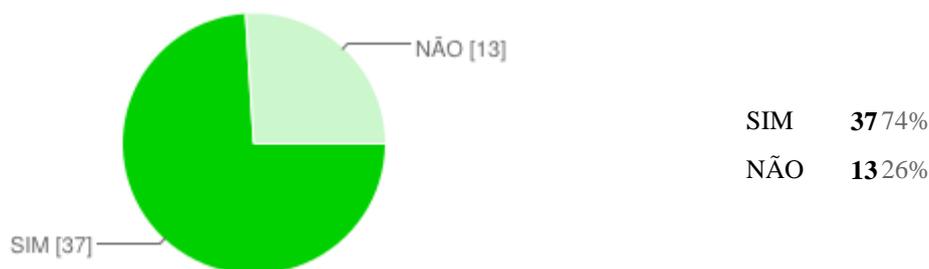


Figura 11 - Porcentagem dos entrevistados que trabalharam ou trabalham em outra área

Em relação ao questionário aberto, aplicamos a seguinte questão: *“Qual a sua posição em relação ao jornalismo polivalente? As consequências que esse traz para a profissão são positivas ou negativas? Por quê?”* E curioso é que nas questões abertas grande parte se colocou a favor da polivalência na profissão, ainda que esta apresente pontos negativos. Foram repetidos os seguintes comentários: *“o jornalista que escreve bem não pode somente escrever, tem de saber diagramar, editar, etc.”*, *“os jornalistas atuais podem desenvolver variadas funções dentro de uma redação”*, *“a polivalência é algo que só vai se aprofundar cada vez mais, e acho isso positivo”*, *“É interessante para o profissional poder ter uma visão mais completa de várias etapas da informação ou dos vários modos de se comunicar em vários tipos de veículos”*.

Fica clara a aceitação por parte destes jovens profissionais de um trabalhador polivalente, que, segundo eles, é uma prática cada vez mais real no mercado atual. Mas mesmo a favor deste novo modelo de emprego, principalmente adotado pelas empresas

que se beneficiam, em todas as respostas foram destacados os pontos negativos que podem acarretar para uma profissão ou um profissional bem preparado. “É também negativa, pois impede que o profissional se concentre (e, por conseguinte, se aprimore) dentro daquilo que faz de melhor.”, “esta prática impede que seja bem exercida a função original para a qual o profissional foi contratado”.

Além de acreditarem que os profissionais que não se adequam a este modelo de trabalhar ficam à margem da profissão, não conseguem se inserir no mercado como jornalistas. “Os profissionais que não se adequam a esta realidade, ficam à margem.”

Este jornalismo exercido por uma única pessoa pode ser considerado também como uma consequência da inclusão tecnológica, que permite com os novos dispositivos uma maior facilidade de produção, realizada por um só profissional.

2.5.A crise

Para justificar a crise pela qual acreditamos nesta pesquisa que o curso e a profissão de jornalismo estão passando abordamos diferentes motivos que poderiam ser as possíveis causas da atual situação. Todavia, achamos necessário questionar aos entrevistados sobre o que eles pensam sobre o tema. Se eles concordam, ou não que existe de fato uma crise. E se sim, qual seria o motivo.

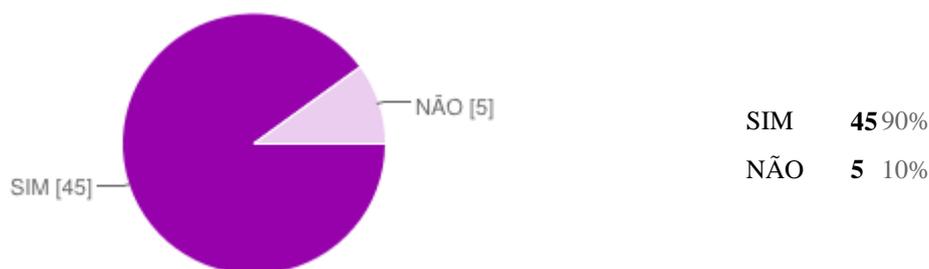


Figura 12 - Os entrevistados acreditam que a crise é real

Com a primeira pergunta obtivemos a seguinte resposta: grande maioria dos ex-alunos reconhece a crise, correspondendo a 90% os que disseram sim. E apenas, 10% não.

Entretanto, ao ter que apontar os possíveis motivos causadores, as respostas não dialogaram com os autores que citamos nesta pesquisa. Veja no gráfico.

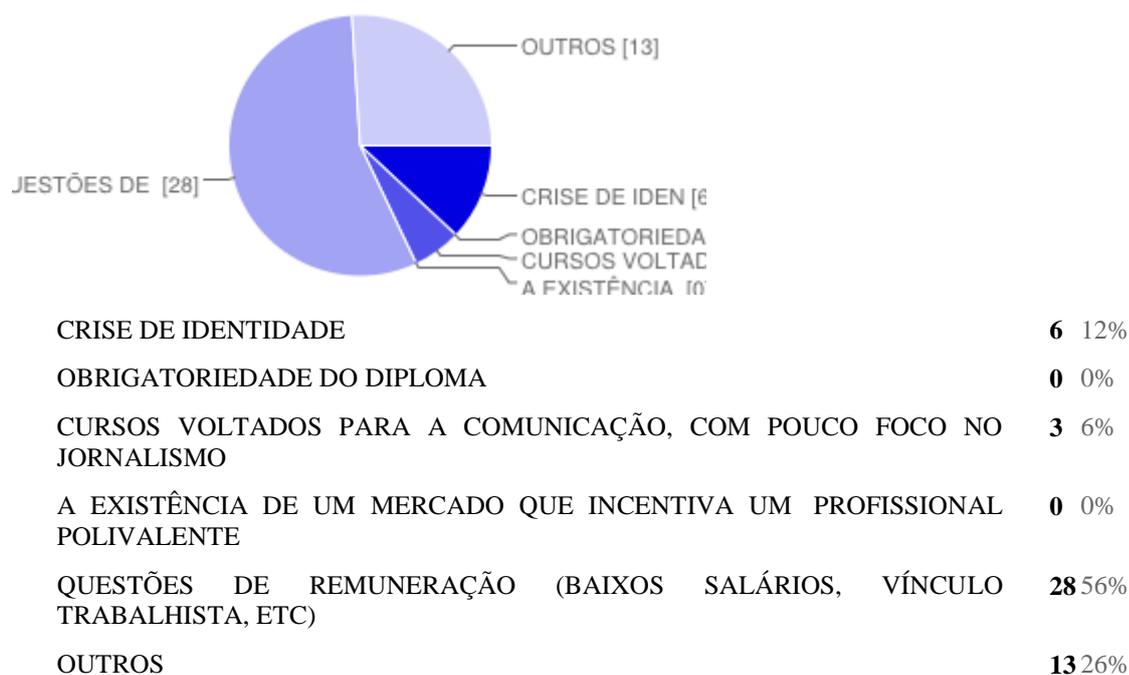


Figura 13 - Possíveis causas da crise

Os entrevistados acreditam que o principal motivo da crise ainda está relacionado às questões de remuneração, incluindo os baixos salários, vínculo trabalhista, etc. Este elemento corresponde a 56% das respostas. Em seguida, foram colocados outros, com 26%. Em terceiro, a crise de identidade com 12%. Só então, os cursos voltados para a comunicação, com pouco foco no jornalismo, 6%. E por último, com 0% a obrigatoriedade do diploma e a existência de um mercado que incentive um profissional polivalente.

Diante do panorama, é possível perceber que os pontos que apontamos durante a monografia, como a obrigatoriedade do diploma, os cursos sendo voltados para a comunicação, com pouco foco no jornalismo, e existência de um mercado que incentive um profissional polivalente não são para os ex-alunos da Universidade Federal de Viçosa, o que tem provocado a crise dentro do curso. Pelo contrário, quando submetidos às perguntas abertas, as respostas mais recorrentes que apareceram foram com justificativas voltadas para a forma como os professores ministram as aulas e a falta de preparação por parte dos alunos. “A identidade de um curso, pra mim, se deve, principalmente, aos professores que ministram suas aulas.”, “A qualificação do corpo docente é uma peça-chave para criar uma identidade no curso.” Os entrevistados defendem que a formação de uma identidade dentro de um curso de jornalismo começa com os professores, porque são eles os responsáveis por apresentar o universo

jornalístico. Algumas respostas discutiram a questão de que os alunos serão reflexos daquilo que seus mestres ensinam, e que a insatisfação às vezes presente por parte destes em relação às crises da profissão reflete nos alunos.

Mas não são somente os professores os responsáveis. Muitas respostas apontaram que os alunos também ingressam nas Universidades despreparados, seja por imaturidade ou por falta de uma base de ensino de qualidade. *“A péssima preparação dos alunos que muitas vezes entram imaturos e sem uma base de educação de qualidade.”*

O quadro exposto revela que os motivos que colocamos nesta monografia não são os únicos responsáveis pelas crises instaladas dentro dos cursos de jornalismo e, conseqüentemente, no mercado que atinge esta profissão. Os resultados apontam outro ângulo do problema diferente do que abordamos, o que só confirma a necessidade da realização de estudos voltados para o entendimento do que vem ocorrendo nesta profissão tão antiga e tão influente em toda a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos com a seguinte pesquisa que a crise é real. Abordamos em toda a monografia motivos possíveis que foram causadores desta insatisfação em relação à profissão de jornalista. Vimos que a questão do diploma, assim como a nomenclatura dos cursos dentro das Universidades, colabora para a criação de uma identidade profissional, mas que estes não são pontos suficientes para entender o porquê do descontentamento com a prática jornalística. É preciso ir além.

Entender o contexto e a realidade em que se encontram os profissionais desta área é essencial para compreender o que eles pensam sobre o fazer jornalismo e o que almejam. Ficou exposto que a polivalência no jornalismo é uma prática real tanto para os autores que abordamos, como para os alunos. Esses se veem cada vez mais inseridos em um jornalismo feito por uma pessoa, uma consequência reconhecida por eles como sendo positiva, mas que pode levar a marginalização daqueles que não se adaptarem.

Os dados revelaram também que a maioria dos profissionais formados em jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa seguiu a profissão e que tendem a ir para a área de televisão, o que é interessante levando em consideração que existe pouco estágio dentro desta área na cidade de Viçosa. E que mesmo não sendo uma prática muito incentivada no jornalismo, o estágio é visto como uma alternativa complementar para a formação.

Em relação à importância da obrigatoriedade de uma formação acadêmica, percebemos que mesmo sendo maior o número de ex-alunos a favor do diploma, os gráficos revelaram que é alta a quantidade de entrevistados que não consideraram fundamental passar pela universidade para entrar no mercado. E que acreditam que a grade curricular pode ser reestruturada combinando melhor a teoria e a prática.

Por fim, que mesmo com as mudanças causadas na profissão pela inserção da internet e do jornalismo online, não são estas o principal motivo das crises. A precarização e a falta de reconhecimento da carreira são, segundo eles, o porquê de uma perda de identidade desta área, que não valorizados dentro da sociedade perdem um pouco da credibilidade como profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Afonso de. A obrigatoriedade do diploma e a identidade jornalística no Brasil: um olhar pelas margens. **Contracampo**, Niterói, n. 14, pp. 71-89, 2006.

BARBOSA, Elisabete. Interactividade: A grande promessa do Jornalismo Online. **Biblioteca online de ciências da comunicação**, 2001. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/barbosa-elisabete-interactividade.pdf>. Acesso em 17 out 2013.

CANAVILHAS, João Manuel Messias. Ensino do jornalismo: o digital como oportunidade. IN: Seminário “Jornalismo: Mudanças na Profissão, Mudanças na Formação”, Braga, 2008. **Actas do Seminário “JORNALISMO: Mudanças na Profissão, Mudanças na Formação”**. Braga: Universidade do Minho, 2008.

CASCAIS, Fernando. O ensino do/para o jornalismo ea formação profissional. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 5, 2004.

ENNE, Ana Lúcia. “O jornalismo está morto, viva o jornalismo”: reflexões sobre usos e práticas de comunicação. IN: V Congresso Nacional de História da Mídia, São Paulo, 2007. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2007.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (org.). **Formação Superior em Jornalismo**: Uma exigência que interessa à sociedade. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 2002.

FIDALGO, Joaquim. Jornalistas: um perfil socioprofissional em mudança. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 4, 2004.

FIGARO, Roseli; GROHMANN, Rafael; NONATO, Cláudia. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo. **Biblioteca online de ciências da comunicação**, 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-dilema-historico-jornalismo.pdf>. Acesso em: 20 nov 2013.

MEDITSCH, Eduardo. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.41-62, abr./jul. 2007.

MENDONÇA, Thais de; PEREIRA, Fábio Henrique; LEAL-ADGHIRNI, Zélia. Formación y producción periodística en Internet: desafíos y perspectivas en el escenario brasileño. **Palabra Clave**, Chía, v. 15, 2012.

PINTO, Manuel. O ensino e a formação na área do jornalismo em Portugal: “crise de crescimento” e notas programáticas. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 5, 2012.

PINTO, Manuel. Ventos cruzados sobre o campo jornalístico: percepções de profissionais sobre as mudanças em curso. IN: II Encontro Ibérico de Ciências da Comunicação, Covilhã, 2004. **Actas do II Encontro Ibérico de Ciências da Comunicação**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2004.

SCHUNCH, Hélio. Adequação do ensino na formação dos jornalistas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Vol. XXV, n.1, jan./jun. 2002.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. IN: **Jornalismo: História, Teoria e Metodologia da Pesquisa**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo Especializado e a especialização periodística. **Arquivo**, v. 9, p. 08, 2011.

VALVERDE, Franklin Larrubia. **O papel pedagógico do estágio na formação do jornalista**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 2006.

ANEXOS

Questionário fechado

Ano de formação

Antes de se formar trabalhou como estagiário em alguma empresa ou jornal?

Atuou ou atua na área de jornalismo?

Se sim, em qual área?

Trabalha ou já trabalhou em outra área?

Você acredita que a formação acadêmica foi indispensável para a sua atuação no mercado de trabalho?

Depois de formado, realizou alguma formação complementar?

Qual a sua posição em relação à obrigatoriedade do diploma?

Na sua concepção, como você considera a aplicação da prática no curso de Comunicação Social da UFV?

E teoria?

Você acredita que a profissão de jornalismo está passando por uma crise?

Qual seria um possível motivo para esta crise?

Questionário aberto

1 – Você considera a obrigatoriedade do diploma como fundamental para exercício da profissão de jornalista? Por quê?

2- Que condições assegurar para promover a consistência e a qualidade dos cursos de jornalismo, a lógica de cada uma das disciplinas, bem como a coerência entre elas e do curso no seu conjunto?

3- Qual você considera o motivo principal para essa crise de identidade instalada dentro dos cursos de jornalismo? Por quê?

4- Qual a sua posição em relação ao jornalismo polivalente? As consequências que esse traz para a profissão são positivas ou negativas? Por quê?

5- Em relação à grade de jornalismo, você acredita que essa deve ser pautada mais na prática ou na teoria? Por quê?

